

Chego ao aeroporto, para o rebuliço de sempre antes do embarque. Como sempre, estou atrasada e entro numa correria. Com estes aviões nunca se sabe, normalmente atrasam-se, mas também se pode dar o caso de descolarem pontualmente e se assim for estou «tramada». Não posso nem quero perder este avião.

Vou ver o horário do balcão de *check-in*, que – felizmente – está ainda fechado – «Se esta coisa alguma vez estiver aberta a horas é que eu fico espantada» – resmungo baixinho. Já me esqueci de que supliquei a todos os santos que conheço e também aos que não conheço para que tudo estivesse atrasado. Só o Filipe é que me ouve e sorri-me com a cumplicidade de sempre.

Encontro pessoas conhecidas, mas não falo com ninguém. Não me apetece falar sobre os últimos acontecimentos e parece-me que os conhecidos se sentem constrangidos em encetar uma conversa, limitam-se a acenar de longe.

«Tanto melhor, assim não me chateiam a cabeça. Isto de conhecer toda a gente é o melhor e o pior de viver num sítio pequeno».

Como não tenho nada com que enganar o tempo e a impaciência, «com as correrias, até de trazer um livro na bagagem de mão me esqueci», limito-me a ficar sentada, a olhar para o movimento. Com o Filipe ao lado. Mas com ele as palavras não são necessárias, a simples presença é suficiente.

Finalmente o *check-in*! Passo o serviço de fronteiras e vou direita ao *free shop*: 4 volumes de cigarros – «É melhor 5, nunca se sabe». Ainda olho para os chocolates, mas decido não comprar – «Se levar, como e engordam que se farta». Em contrapartida, vou às prateleiras de bebidas e escolho uma garrafa de gin e outra de uísque. Olho desafiadora para o Filipe e digo: «Eu sei que isto também engorda, mas estou-me nas tintas. Por isso, nada de me moeres a cabeça».

Embarque atrasado – «Eu bem digo que no dia em que as coisas correrem bem... fico espantada».

Vou ao bar para tomar dois comprimidos para dormir e duas cervejas. Desde que proibiram fumar dentro dos aviões que adopto esse sistema para transformar os voos num sono pegado; com grande irritação do Filipe, que costuma dizer que viajar comigo é como viajar com um cadáver. Mas como nunca prestei grande atenção aos remoques do Filipe... continuo a tomar os comprimidos e as cervejas que me garantem viagens descansadas e sem ansiedade.

Antes destas restrições ao fumo, adorava fazer viagens de avião. Eu sei que nada disto é politicamente correcto e o Filipe já se aborreceu várias vezes comigo por causa de afirmações neste registo («normalmente nas circunstâncias menos adequadas, eu reconheço mas não há nada a fazer, tenho o «bichinho» de chocar as outras pessoas e nem sempre consigo controlar-me»). Adorava embarcar e sentir a sonolência suave que o ambiente de um avião sempre me provocou. Depois, era descolar e esperar que o «boneco» com a interdição de fumar apagasse a luz. Ainda com os cintos apertados, era ver toda a lotação dos lugares de fumadores levar as mãos aos maços cheios (tudo comprado no *free shop*) e uma nuvem de fumo enchia a cabina. Fumar é certamente prejudicial à saúde («eu tenho essa noção, mas o vício é maior do que tudo o resto»), mas posso garantir que é um vício extremamente socializante. Não sei se era dos cigarrinhos, dos aperitivos ou dos digestivos... mas nunca viajava sem conhecer e conversar com outros passageiros e devo dizer que nalguns casos esse conhecimento deu origem a algumas amizades que duram até aos dias de hoje.

Actualmente... como vou eu conversar com outras pessoas se durmo profundamente o tempo inteiro? É o que eu digo sempre, posso viajar de forma mais saudável, mas com um índice de alegria

muito menor («e não quero nem ouvir o que o Filipe tem a dizer a um comentário destes!»).

Embarque. «Estão a esmerar-se, só temos 3h de atraso. Sim, senhora, qualquer dia até fazem um avião sair a tempo».

Olho para o Filipe e rio-me: «Estou uma resmungona do pior, desculpa».

Assim que entro no avião, fecho os olhos e só acordo em Fortaleza.

Como de todas as outras vezes, chego de noite e, uma vez fora do aeroporto, entro directamente para o *transfer*, que me aguarda para me levar à Praia das Fontes. Sou uma mulher de afectos e desde a primeira vez que lá fui apaixonei-me pelo sítio. Eu e o Filipe, sempre os dois. Unidos pelo corpo, pelo pensamento, pelo coração.

Olho para o Filipe e sorrio. Ele devolve-me o sorriso, naquela comunicação sem palavras a que já estou habituada.

Finalmente, o Hotel Praia das Fontes. Suspiro de satisfação. Dez dias neste cantinho de terra, só para descansar, dormir... e dar aos amigos a novidade. Essa será a parte mais difícil.

– Amanhã pensas nisso, esta noite é só para ti, para te sintonizares outra vez com este local – o Filipe a responder às minhas dúvidas, a ensinar o caminho.

Toco nas paredes da recepção do hotel e nos grandes troncos de madeira que seguram o tecto do alpendre anexo. A cumprimentar o espaço, porque eu sou assim.

Entro na *suite* n.º 3. Como sempre. Há cinco anos venho com o Filipe três ou quatro vezes por ano passar uns dias à Praia das Fontes e nunca ficámos noutra quarto, gostámos logo da cama enorme, onde podemos dormir como se sozinhos, mas onde sempre nos encontrámos para fazer amor, o espelho grande onde gosto de me olhar antes de perguntar «estou bonita»? , o terraço virado para o

mar, com uma rede, onde me habituei a passar horas, nua e imóvel, a tocar no Filipe com uma mão e com o pensamento.

Olho-me ao tal espelho e este devolve-me a imagem de uma mulher muito alta, magra, cabelo muito curtinho (o Filipe ficou furioso quando cortei o cabelo, mas o mal já estava feito), um rosto bem à mostra, onde o traço dominante são os olhos pretos. Não aparento os 47 anos que tenho, mas a minha cara está triste, com a névoa de lágrimas gravada nos olhos e uma boca sem sombra de um sorriso.

– Ao longe ainda disfarço – digo em voz alta. Levanto os olhos para o Filipe, numa pergunta muda. Ele olha-me sem dizer uma palavra, com um olhar tão carregado de amor que o meu coração rebenta e entrego-me ao choro. Desamparada.

– Calma, Clara. Assim não vai dar. Toma um bom duche, vai ter comigo ao terraço. Eu espero lá por ti.

Suspiro, mas obedeco. Tomo duche, ponho os cremes de sempre, visto um vestido de algodão e, descalça, vou ao frigorífico e tiro uma cerveja. Agarro num maço de cigarros e só depois vou ter com o Filipe à varanda do quarto. Deito-me na rede e acendo um cigarro. Fico uns instantes a sentir o morno da noite, a ouvir o barulho do mar.

Em seguida, olho bem de frente para o Filipe. O meu grande amor, o homem que o meu coração escolheu há mais de dez anos e que tanto trabalho me deu a conquistar. Um amor que eu aceitei de coração aberto, já crescida, numa idade em que a maioria das pessoas se demite de amar.

Olho-o com os olhos do coração, como sempre fiz. O Filipe é um homem muito bonito. Desde sempre que me lembro de as mulheres – e alguns homens também, diga-se em abono da verdade – ficarem embevecidas a olhar para o meu loirinho de olhos azuis

escuros, tão alto que só lhe chego ao ombro e eu não sou uma mulher baixa, meço 1,78 m.

Nunca lhe vi as rugas, o cabelo a começar a escassear, a barrigui-nha um bocadinho proeminente. Aceitei-o desde sempre, por inteiro e sem reservas. O que sempre vi nele (e neste instante também) é um olhar que reflecte um grande coração, a prega no canto da boca e as covinhas na cara que faz quando sorri, a inteligência espe-lhada no rosto, o amor que ele sente por mim e que se revela a todo o instante no olhar.

É assim há 10 anos, a partir do momento em que ele, finalmen-te, cedeu à força do que sentia por mim e me disse: «Amo-te, minha Clara».

A partir desse momento passámos a ser inseparáveis. Juntos no trabalho, juntos no amor, juntos na forma como encaramos a vida.

Até aquele dia...

Percebo que a noite vai ser longa. Vou buscar uma *écharpe* do Filipe, coloco-a à volta dos ombros e volto a deitar-me na rede. Com ele ao meu lado, fecho os olhos e começo a lembrar...